

Insatisfação corporal, *bullying* e fatores associados em adolescentes

Body dissatisfaction, bullying and associated factors in adolescents

Andressa Salete Andreolli ¹, Rozane Marcia Triches ¹ ✉

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Realeza, PR, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Identificar a prevalência de insatisfação corporal e seus fatores associados, como *bullying*, estado nutricional, sexo e idade em escolares da zona rural e urbana em um município de pequeno porte do sudoeste do Paraná.

Materiais e Métodos: Estudo transversal realizado com 208 escolares de 12 a 14 anos. Foram utilizados a escala de imagem corporal (*Children's Figure Rating Scale*) para avaliar insatisfação corporal, questionário sobre *bullying* e o estado nutricional dos adolescentes, obtido por meio de antropometria a partir do índice de massa corporal. O teste do qui quadrado foi aplicado para a análise da relação entre insatisfação, *bullying* e demais variáveis.

Resultados: Os resultados indicam que há relação significativa entre sentimento de inadequação corporal com o estado nutricional e o sofrer insultos de colegas e sentimentos associados ao *bullying* nesta amostra.

Conclusão: Neste sentido, este estudo destaca ainda mais a importância da relação entre insatisfação corporal e *bullying* e as potenciais consequências relativas a problemas psicológicos e alimentares.

Palavras-chave: escolares; imagem corporal; estado nutricional; obesidade.

ABSTRACT

Objective: To identify the prevalence of body dissatisfaction and its associated problems, such as *bullying*, nutritional status, gender and age in rural and urban schoolchildren in a small municipality in southwestern Paraná.

Materials and Methods: A cross-sectional study was carried out with 208 students aged 12 to 14 years. The *Children's Figure Rating Scale* was used to evaluate body dissatisfaction. Questions about *bullying* and the nutritional status of adolescents, obtained through anthropometry using the body mass index, were also evaluated. The chi-square test was applied to analyze the relationship between dissatisfaction, *bullying* and other variables.

Results: The results indicate that there is a considerable relationship between the feeling of inadequacy of the body and the nutritional status of the subject, as well as the insults of colleagues and feelings associated with *bullying* in this sample.

Conclusion: Thus, this study highlights the importance of the relationship between body dissatisfaction and *bullying*, as well as the potential consequences related to psychological and alimentary problems.

Keywords: schoolchildren; body image; nutritional status; obesity.

✉ **Correspondência:**
ROZANE MARCIA TRICHES
Av. Eduardo Gaievski, 1000
85770-000, Realeza, PR, Brasil
E-mail: rozane.triches@gmail.com

INTRODUÇÃO

A insatisfação corporal pode ser definida como um desconforto que o indivíduo vive em relação aos aspectos de sua aparência física. Nos últimos 20 anos, foram intensificadas as pesquisas analisando esse sentimento negativo com a imagem corporal. Segundo Alvarenga et al.¹, a imagem corporal é definida como o que se tem na mente sobre o tamanho e a forma do próprio corpo, incluindo sentimentos em relação a essas características e às partes constituintes do corpo. Pode ser mais claro durante a adolescência, em função das transformações sofridas na puberdade, em virtude dos padrões de beleza mostrados pela mídia, com a valorização de formas físicas consideradas ideais².

A imagem corporal é definida por dois componentes: a estima corporal e a insatisfação com o corpo. A primeira se refere ao quanto o indivíduo gosta ou não de seu corpo de forma geral, a qual pode englobar outros aspectos além do peso e da forma com que o corpo se encontra, como, por exemplo, cabelos ou rosto. Já a insatisfação corporal focaliza claramente preocupações com o peso, forma do corpo e gordura corporal. Dependendo do grau, essa insatisfação pode prejudicar os aspectos da vida da pessoa no que diz respeito ao seu comportamento alimentar, autoestima e desempenhos psicossocial, físico e cognitivo³.

Entende-se que na adolescência ocorrem muitas modificações físicas e psicossociais e com isto há maior vulnerabilidade, principalmente no sexo feminino, em ser influenciado pela mídia e outros veículos para ter um corpo magro, esbelto, atlético que vai sendo criado e imposto pela própria sociedade⁴⁻⁶. Além disso, verifica-se que o grande grau de urbanização trouxe crescentes mudanças no modo de vida dos adolescentes, expondo-os às experiências de hábitos alimentares incorretos, sedentarismo e problemas de saúde relacionados à obesidade. Estudo indica que a população urbana consome maior quantidade de alimentos processados, como carnes, gorduras, açúcares e derivados do leite em relação à área rural, onde a ingestão de cereais, raízes e tubérculos é mais elevada⁷. Também há que se considerar que o sedentarismo tem afetado a população de adolescentes e este problema está associado ao consumo de mais produtos ultraprocessados⁸, podendo culminar em agravos como obesidade e outras intercorrências.

Estudos atuais demonstram que a alimentação inadequada e o sobrepeso/obesidade podem levar à insatisfação corporal nos adolescentes⁹⁻¹². Desde o século passado, a imagem corporal está sendo estudada. Nas últimas décadas aumentaram as pesquisas, principalmente pelas evidências de que a insatisfação com a imagem corporal tem início em

idades mais jovens e é fortemente influenciada por aspectos socioculturais¹⁰. Estudos realizados em diferentes locais do Brasil demonstraram grande prevalência de insatisfação corporal em crianças e adolescentes^{11,12}.

Na adolescência, esta demanda por um corpo ideal se torna cada vez mais visível. Qualquer causa que diferencie o jovem do seu grupo de amigos é algo perturbador. Por isso, a imagem corporal também pode estar relacionada com o *bullying*, o qual também gera um impacto psicológico negativo, segundo Schnaider et al.¹³, considerando que as crianças têm percepções e visões de suas experiências constrangedoras ou estressantes. Por sua vez, o *bullying* refere-se a uma forma específica de comportamento agressivo e violento no ambiente escolar, entre pares marcados pela assimetria de poder e pelo caráter repetido com que ocorrem, sempre com a intenção de ferir fisicamente ou moralmente¹⁴. Sendo definido a partir de três critérios: intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder. São considerados atos de *bullying* escolar a vontade de agredir colegas ou os expor a situações negativas que repetem-se ao longo do tempo e geram dificuldade de defesa dos alunos expostos a tais ações. Este fenômeno pode manifestar-se diretamente, nas formas física (bater, cuspir), verbal (apelidos pejorativos, ameaças, insultos, fofocas) e por meio do *cyberbullying* (utilização de mídias sociais eletrônicas ou de comunicação – internet e telefone), ou indiretamente, em situações sem confronto direto entre as partes envolvidas (exclusão social, fofocas)¹⁵.

Por sua alta prevalência e pelo alto nível de tolerância para com esse tipo de violência por parte da sociedade em geral e pelas escolas em particular, o *bullying* pode ser tido como um problema social grave e, provavelmente, o tipo mais repetido de violência juvenil¹⁶. No estudo de Lunde et al.¹⁷ com escolares suecos de 10 anos de idade, analisou-se que as meninas e os meninos que sofrem de *bullying* demonstraram um descontentamento com a sua aparência corporal. Este estudo aponta para a importância de realizar e aprofundar pesquisas que identifiquem a associação entre estes problemas.

Diante de uma sociedade exigente em relação aos aspectos corporais e beleza física é importante identificar preocupações e comportamentos dos adolescentes em relação a isso para que se possa pensar em intervenções que promovam saúde, satisfação com o corpo e respeito às diferenças. Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de insatisfação corporal, seus fatores associados (estado nutricional, idade, sexo e zona de residência), principalmente em relação ao *bullying* em escolares da zona rural e urbana em um município de pequeno porte do sudoeste do Paraná.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de característica transversal, realizado no município de Realeza PR de março a junho de 2017. Este município tem uma população de aproximadamente 17.068 mil habitantes, sendo que 27,8% residem na área rural e 72,2% na área urbana¹⁸. As escolas pesquisadas foram as administradas pelo Governo Estadual. No município, a rede estadual de ensino abrange seis Escolas Estaduais, sendo duas rurais e quatro urbanas, totalizando 2.544 alunos matriculados. O número da amostra baseou-se em uma margem de erro de 5%, com nível de confiança de 95% e uma proporção estimada de insatisfação corporal em torno de 50%. O cálculo da amostra, considerando que a população de alunos nestas escolas do 7º ao 9º ano na faixa etária de 12 a 14 anos era de 544, foi então de 225 alunos. Para compor a mesma, foram escolhidas duas escolas, uma no meio urbano e outra no meio rural (considerando aquelas que alcançassem o número de alunos pretendido), chegando-se a 290 participantes.

Foram coletados dados antropométricos de peso e estatura para o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) para verificação do estado nutricional dos escolares. O IMC foi classificado de acordo com a idade e o sexo de cada escolar, sendo classificado conforme pontos de corte recomendados pelo Ministério da Saúde do Brasil, baseados nas indicações da Organização Mundial da Saúde¹⁹. Nesta classificação considera-se sobrepeso se o IMC for maior que o percentil 85, obesidade se o IMC for maior que o percentil 97 e baixo peso se o percentil for abaixo de 15.

As medidas antropométricas foram coletadas na escola de maneira padronizada segundo os critérios de Jelliffe²⁰. O peso foi obtido com balança digital (PLENA) com capacidade de 150kg e precisão de 100g e a estatura com

estadiômetro (SECA), tipo trena com 200cm e precisão de 0,1cm. Para as medidas coletadas utilizou-se sempre os mesmos equipamentos, rotineiramente calibrados. A coleta foi realizada pela pesquisadora em local correto visando garantir a integridade e individualidade de cada escolar.

Para aquisição da variável satisfação com o corpo empregou-se a escala de imagem corporal “Children’s Figure Rating Scale” (**Figura 1**), de autoria de Tiggeman & Wilson-Barrett²¹. Trata-se de uma escala de figuras de nove silhuetas numeradas de um a nove, diferenciadas para os sexos, que variam desde um corpo muito magro a outro muito acima do peso. As silhuetas foram mostradas a cada participante que escolheu a figura que melhor o representava e a que gostaria de ter ou que julgava ser o ideal. A insatisfação corporal foi considerada quando qualquer diferença era observada entre a imagem corporal percebida e a ideal. Quando essa variação era igual a zero, os escolares foram considerados como satisfeitos, quando era diferente de zero, como insatisfeitos. Quando a diferença for positiva, foram considerados insatisfeitos pelo excesso de peso (desejo de diminuir o tamanho da silhueta) e quando negativa, insatisfeitos pela magreza (desejo de aumentar a silhueta).

Para identificar a presença do *bullying* utilizou-se um instrumento (questionário) adaptado de Pereira²². As questões constantes no instrumento eram: Você sabe o que é *bullying*? Você já praticou *bullying*? Os seus colegas te ignoram e o deixam de fora dos jogos e brincadeiras? Você é insultado, ou recebe apelidos por causa de alguma característica física (por estar acima do peso ou muito magro)? Como você se sente, quando outros colegas fazem algum tipo de *bullying* (físico, verbal, social, psicológico) contra você? O questionário foi aplicado com auxílio da pesquisadora, em sala de aula, tomando-se o cuidado de evitar constrangimentos.

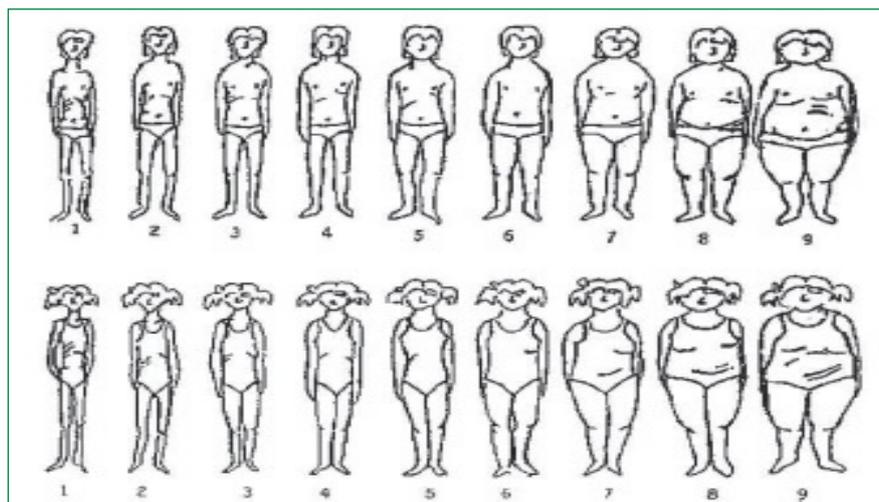


Figura 1. Escala de imagem corporal. Fonte: (Tiggeman & Wilson-Barrett, 1998)²¹.

Foram realizadas análises descritivas e de inferência (X^2) com significância no nível de 0,05. Para a tabulação e análise dos resultados foi utilizado o software Excel® versão 2010 e software PSPP (0.10.2; 2016).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob o número 65994317.5.0000.5564.

RESULTADOS

Das 290 crianças que compunham a população estudada, algumas não estavam no dia da aplicação do questionário, outras não foram avaliadas por não haver o consentimento dos pais, e também algumas não aceitaram participar, perfazendo um total de perdas de 28,28% da amostra, ou 82 pessoas, totalizando 208 participantes.

O número de escolares insatisfeitos com o corpo foi de 124 alunos (59,6%). Também observou-se nesta amostra, que 29 (13,9%) estavam com sobrepeso e 42 (20,2%) com obesidade. Além disso, 100 adolescentes (48,1%) disseram já ter cometido *bullying* e 72 (34,6%) sofrido *bullying*. A **Tabela 1** apresenta as características da amostra e a relação entre sexo, idade, zona de localização da escola e estado nutricional com a insatisfação corporal. Observa-se que a única variável com relação significativa com a insatisfação corporal foi o estado nutricional. As crianças com peso acima ou abaixo do considerado adequado estavam mais

insatisfeitas com seu corpo. Todavia, a idade e o sexo, não demonstraram diferenças significativas quanto ao descontentamento corporal.

Em relação ao local, na zona rural e urbana, também não houve diferenças significativas, porém em ambas houve um maior percentual de adolescentes com desconforto e/ou descontentamento com o corpo. Já na **Tabela 2**, verificou-se a relação entre *bullying* e insatisfação com o corpo. Verificou-se que sofrer insultos e ter sentimentos relacionados ao *bullying* estavam associados com o desfecho. Mais alunos insatisfeitos com o corpo relataram sofrer insultos, se comparado aos satisfeitos. Também é maior a frequência de alunos que dizem sentir-se mal, tristes e indefesos na categoria dos descontentes com o corpo.

Quanto à prática de *bullying*, identificou-se que mais alunos insatisfeitos com o corpo o cometiam do que os satisfeitos, embora não tenha sido uma diferença significativa. Em relação ao conhecimento sobre a questão, observou-se que há um amplo conhecimento sobre o tema entre os alunos (apenas 5 alunos disseram não saber do que se trata). Nenhum dos alunos insatisfeitos relatou desconhecimento. Relativo a sofrer com brincadeiras e exclusão do grupo, novamente verifica-se uma tendência dos insatisfeitos a serem os mais afetados. Estas evidências indicam que há uma relação considerável entre sentimento de inadequação corporal com o sofrer insultos de colegas e sentimentos associados ao *bullying* nesta amostra da população.

Tabela 1. Relação entre as variáveis Sexo, idade, estado nutricional e escola, com a insatisfação corporal.

Variáveis	Satisfeito		Insatisfeito		p*
	n	%	n	%	
Sexo					
Feminino	39	37,50	65	62,50	0,401
Masculino	45	43,27	59	56,73	
Idade					
12 anos	39	42,86	52	57,14	0,806
13 anos	25	37,88	41	62,12	
14 anos	20	39,22	31	60,78	
Estado nutricional					
Magreza	3	27,27	8	72,73	0,000
Eutrofia	68	53,97	58	46,3	
Sobrepeso	8	27,59	21	72,41	
Obesidade	5	11,90	37	88,10	
Escolas					
Escola Urbana	71	40,11	106	59,89	0,845
Escolar Rural	13	41,94	18	58,06	

Tabela 2. Relação entre as variáveis do questionário bullying com a insatisfação corporal.

Variáveis	Satisfeito		Insatisfeito		p*
	n	%	n	%	
Prática bullying					
Sim	37	37	63	63	
Não	47	43,52	61	56,48	0,338
Sabe o que é bullying					
Sim	79	38,92	124	61,08	
Não	5	100	0	0	-*
Sofre com brincadeiras e exclusão					
Sim	27	33,75	53	66,25	
Não	57	44,53	71	55,47	0,123
Sofre insultos					
Sim	22	28,21	56	71,79	
Não	62	47,69	68	52,31	0,006
Sentimentos em relação ao bullying					
Eu me sinto mal, triste, indefeso	27	29,03	66	70,97	
Eu não sinto nada	21	48,84	22	51,16	
Não sofro bullying	36	50	36	50	0,011

* O teste não pode ser realizado, pois não havia nenhum aluno insatisfeito que não soubesse o que era bullying.

DISCUSSÃO

Este estudo evidenciou que 59,6% dos adolescentes sentem insatisfação corporal. Já em âmbito nacional (Brasil), 55,9% dos escolares do 9º ano incluíam-se em um padrão de normalidade em relação a sua auto imagem corporal, e a proporção de alunos insatisfeitos era de 44,1%. Triches & Giugliani¹², ao analisarem a insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil, constataram em uma amostra de 573 escolares entre 8 e 10 anos de idade, o predomínio de 63,9% de insatisfação com corpo. Moreira²³, em um estudo comparativo entre estudantes de nutrição e administração constataram expressivas evidências de insatisfação corporal entre os grupos – 76,1% e 67,5%, respectivamente. Segundo IBGE²⁴, na Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, os Municípios das Capitais da Região Sul estavam com maiores índices de alunos que se julgavam-se acima do peso. Porto Alegre destaca-se com 29,1% das meninas e 16,6% dos meninos declarando-se como acima do peso ou obesos. Os Municípios das Capitais das Regiões Norte e Nordeste tinham os menores percentuais de escolares com autoimagem de acima do peso ou obesos.

Demonstrou-se neste estudo que os adolescentes mais insatisfeitos com o estado nutricional são os que estão com obesidade e os que apresentam magreza. Esta associação também foi encontrada por Finato²⁵ e Pinheiro & Jiménez²⁶ os quais também verificaram maior insatisfação em crianças e adolescentes que não se encontram no seu peso considerado

adequado. Uma das principais causas da insatisfação corporal é o estado nutricional, mais diretamente, a obesidade. No estudo de Martins et al.²⁷, observou-se associação entre insatisfação com a imagem corporal e o estado nutricional, sendo que as adolescentes com excesso de peso apresentaram maior insatisfação com a imagem corporal em relação àquelas eutróficas.

Ao avaliar as prevalências de insatisfação corporal, percebeu-se que a maior prevalência de insatisfeitos com o corpo é no sexo feminino, embora sem significância estatística. Estudo de Andrade²⁸ verificou que os meninos são menos insatisfeitos que as meninas devido ao fato de sofrerem menor pressão social sobre seus corpos, destacando que, atualmente, o estereótipo de beleza para o sexo feminino é o corpo magro e esbelto, enquanto que para o sexo masculino, a beleza é idealizada por uma figura robusta. Ricciardelli et al.²⁹ constataram que essa diferença entre meninos e meninas está relacionada a influências socioculturais, na qual os rapazes são estimulados a praticarem atividades esportivas a fim de buscar um corpo de porte atlético e musculoso, enquanto as meninas praticam atividades físicas que impliquem em redução de peso, com enfoque no caráter estético. Também em relação ao estudo realizado por Pinheiro & Jiménez²⁶, concordando com a literatura, as meninas são mais prováveis de relatarem insatisfação com o corpo que os meninos. Além disso, elas preferem ser mais magras, enquanto os meninos querem corpo maior, não significando o desejo de ter mais gordura corporal, mas sim,

porte atlético. Os meninos são mais retratados ao ideal de uma figura musculosa, veiculada por bonecos representando super-heróis, em contrapartida as meninas seguem o ideal de beleza da boneca Barbie®, representada por um corpo magro e esbelto. Estudos atuais demonstram que a maior parte das meninas insatisfeitas com o corpo, gostariam de um corpo menor, enquanto que nos meninos há maior predomínio do desejo de serem maiores¹². De acordo com IBGE²⁴, quando a intenção é ganhar peso ou massa muscular, aumenta a diferença percentual entre meninos e meninas que fazem uso de medicamentos, fórmulas ou outro produto. No nível nacional, 8,6% dos meninos e 5,6% das meninas reportaram ter adotado esse procedimento nos últimos 30 dias.

Os adolescentes insatisfeitos com a imagem corporal frequentemente adotam comportamentos alimentares diferentes e práticas irregulares de controle de peso, como uso de diuréticos, laxantes, autoindução de vômitos, realização de atividade física extenuante, entre outros. Essas adolescentes apresentam grande risco para o avanço de transtornos alimentares quando comparadas às adolescentes felizes com sua imagem corporal³⁰. Estudo efetuado com universitários comparou a presença de sintomas de anorexia nervosa entre estudantes da primeira fase dos cursos de graduação em Nutrição, Matemática e Educação Física de uma universidade particular no município de Belo Horizonte (n=326), e encontrou prevalência de 12,1, 13,9 e 10,9% respectivamente. A prevalência de anorexia encontrada no total de estudantes avaliados foi de 11,9%³¹.

Em relação ao local esperava-se encontrar maior prevalência de insatisfação corporal nos adolescentes que residem na área urbana, os quais, teoricamente, estão mais expostos à cultura da magreza, por terem mais acesso aos meios de comunicação e à mídia. No entanto, não houve diferenças significativas no presente estudo, apenas apresentando maior percentual de adolescentes com desconforto e/ou descontentamento com o corpo, se igualando ao estudo de Fidelix et al.³² Assim, é possível sugerir que a insatisfação corporal tem atingido os adolescentes, independentemente do local em que vivem.

Os transtornos alimentares podem ser classificados como fenômenos resultantes da interação de fatores pessoais, familiares e socioculturais e se caracterizam por uma preocupação excessiva não só com o corpo, mas com o peso e também com o tipo de alimentos. A valorização da magreza e a pressão para emagrecer, ligam-se com os fatores biológicos, psicológicos e familiares, onde geram uma preocupação com o corpo e um pavor patológico de engordar³³. Neste sentido, observa-se que adolescentes insatisfeitos estão mais expostos a ter algum tipo de transtorno alimentar, e, portanto, esta evidência deve ser considerada.

Na variável idade, os que tinham 13 anos eram os mais insatisfeitos em termos proporcionais (62,12%). Em estudo semelhante no sul do Brasil realizado por Souza et al.³⁴ a idade que apresentou maior insatisfação também foi a de 13 anos com 82,4%. No entanto, deve-se considerar que este período da adolescência, sonha-se com um corpo ideal que, na verdade, nem sempre condiz ao corpo real, e quanto mais o corpo real estiver longe do ideal, maior será a possibilidade de comprometer a autoestima e de estimular uma distorção de imagem corporal³⁵. Portanto, a adolescência é um período da vida em que merece muita atenção, pois esta transição entre a infância e a idade adulta pode resultar em problemas futuros para o desenvolvimento de um indivíduo.

No que tange à relação entre insatisfação corporal e *bullying*, este estudo indica uma associação significativa entre eles. Quando realizada a pergunta “você é insultado, ou recebe apelidos por causa de alguma característica física” (por estar acima do peso ou muito magro), os que responderam que eram insultados, grande parte (71,79%) eram insatisfeitos com o corpo. Rojo-Moreno et al.³⁶ conduziram um estudo multicêntrico espanhol com 57.997 adolescentes, de 13 a 16 anos e verificaram diferenças entre *bullying* corporal e sexo. O mesmo foi verificado por Slater & Tiggermann³⁷, em estudo com 714 adolescentes de 12 a 16 anos em Adelaide, Austrália. Apesar de o *bullying* corporal apresentar efeitos mais graves entre os meninos quanto ao IMC e à insatisfação com a imagem corporal, as meninas são mais expostas à crítica quanto à aparência física em múltiplos contextos, incluindo a mídia. Geralmente, as meninas sofrem mais com o *bullying* corporal, quando comparadas aos meninos e sentem-se mais incomodadas perante as provocações, o que contribui para a insatisfação corporal e os comportamentos alimentares inadequados de controle do peso³⁸.

Na pesquisa nacional²⁴ evidenciou-se que, quando perguntados se o escolar já havia “esculachado”, “zombado”, “mangado”, “intimidado” ou “caçoado” algum de seus colegas de escola nos 30 dias anteriores à pesquisa, 19,8% responderam que sim. Dentre os meninos, esse percentual foi de 24,2% e entre as meninas, 15,6%. Percentual maior entre os alunos de escolas privadas (21,2%) do que entre as escolas públicas (19,5%). A Região Sudeste apresentou o maior percentual (22,2%), assim como o Estado de São Paulo (24,2%). Ainda, segundo o mesmo estudo, dentre os que se sentiram humilhados pelas provocações dos colegas, responderam como principais motivos, a aparência do corpo (15,6%) e aparência do rosto (10,9%).

Olweus³⁹ foi um dos primeiros a realizar estudos sobre violência no ambiente escolar. Ele criou os primeiros critérios para a identificação do *bullying* na escola, diferenciando-o de outras possíveis interpretações sobre o comportamento

dos escolares. Ele entrevistou 84.000 estudantes em diversos níveis e períodos escolares, 400 professores e cerca de 1.000 pais. Através desses estudos verificou-se que, a cada grupo de sete alunos, um estava envolvido em situações de *bullying*. Em uma pesquisa realizada por Fante⁴⁹ evidenciou-se que praticamente um em cada dois alunos (48,1%) já praticaram *bullying* e um em cada três (34,6%) já sofreram com ele. Ou seja, dados bem superiores aos identificados Dan Olweus⁴⁸.

No que diz respeito ao Brasil, segundo Fante⁴⁰, o fenômeno *bullying* é uma realidade inquestionável nas escolas brasileiras independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza ou se são séries finais ou iniciais ou ainda se a escola é pública ou privada. No que concerne aos sentimentos de quem sofre *bullying*, verificou-se que os que responderam que se sentiam mal, tristes e indefesos, eram os mais insatisfeitos perfazendo um total de (70,97%). No estudo de Leme & Philippi³⁸, as adolescentes que sofreram *bullying* corporal apresentaram maior propensão a comportamentos inadequados para controle de peso, como práticas purgativas e, principalmente, dietas restritivas, quando comparadas àquelas que não sofreram, ocorrendo menor propensão para aderir a comportamentos saudáveis, tais como aumentar o consumo de frutas, verduras e legumes, diminuir a ingestão de bebidas açucaradas e refrigerantes e praticar diferentes tipos de atividade física.

As implicações do *bullying* escolar são as mais diversificadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de suas vivências, da predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, o *bullying* causa tristezas a todas as vítimas, em maior ou menor proporção. Muitas delas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e precisarão de apoio psicológico e/ou psiquiátrico para superá-las. Desta forma, nota-se que tudo está interligado, ou seja, a insatisfação com o corpo está intimamente relacionada com o *bullying*, o que, invariavelmente pode gerar problemas psicológicos e transtornos alimentares e que tanto a família, quanto a escola têm papéis fundamentais nesta construção social do sujeito.

Os dados do presente estudo permitem concluir que a prevalência de insatisfação com o corpo na população investigada é elevada, semelhante a reportada em outras cidades brasileiras. Além disso, verificou-se sua relação com o estado nutricional e com o *bullying*. O sexo feminino mostrou-se mais descontente com o corpo, assim como escolares com 13 anos e a zona de residência urbana, embora sem significância estatística. Neste sentido, este estudo destaca ainda mais a importância da relação entre insatisfação corporal e *bullying* e as potenciais consequências

relativas a problemas psicológicos e alimentares. Dessa forma, pontua-se a necessidade de intervenções nas escolas com discussões e palestras educativas, apoio psicológico e nutricional para que os adolescentes possam ter um desenvolvimento físico e mental saudáveis. Importante considerar a instituição do Programa Saúde na Escola em 2007 como uma política intersetorial de atenção integral à saúde de crianças e adolescentes em idade escolar. Segundo a proposta, as equipes de saúde na atenção primária devem operacionalizar ações com foco na promoção da saúde, em conformidade com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), abordando as dimensões da construção de uma cultura de paz e combatendo as diferentes expressões de violência nos territórios escolar e comunitário. Por entender a importância desta temática, salienta-se que este estudo limita-se a um estudo regional, sendo necessário expandi-lo para os diversos contextos, verificando semelhanças e diferenças, além da necessidade de aprofundar as causas e consequências com estudos longitudinais. Assim, novos estudos devem ser feitos, nos domínios dos campos da Nutrição e outros, considerando fortemente a proeminência da interdisciplinariedade para melhor entender estes fenômenos.

REFERÊNCIAS

1. Alvarenga MS, Souza AC. Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. J. Bras. Psiquiatr. 2010; 59(1):44-51. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000100007>
2. Miranda PNM, Conti MA, Bastos R, Ferreira MEC. Insatisfação corporal em adolescentes brasileiros de municípios de pequeno porte de Minas Gerais. J. Bras. Psiquiatr. 2011;60(3):190-7. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852011000300007>
3. Smolak L, Levine MP. Body image in children. In: Thompson JK, Smolak L, editors. Body image, eating disorders and obesity in youth: assessment, prevention and treatment. Washington (DC): American Psychological Association; 2001;6(1):41-66. <https://doi.org/10.1037/10404-002>
4. Scherer FC, Martins CR, Pelegrini A, Matheus SC, Petroski EL. Imagem corporal em adolescentes: associação com a maturação sexual e sintomas de transtornos alimentares. J. Bras. Psiquiatr. 2010;59(3):198-202. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000300005>
5. Adami F, Frainer DES, Santos JS, Fernandes CT, Oliveira DRF. Insatisfação corporal e atividade física em adolescentes da Região Continental de Florianópolis. Psic.: Teor. e Pesq. 2008; 24(2):143-9. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200003>
6. Conti MA, Petroski MF, Gambardella AMD. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. Rev. Nutr. 2005; 18(4): 491-7. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732005000400005>

7. Popkin BM, Bisgrove EZ. Urbanization and nutrition in low-income countries. *Food Nutr Bull.* 1998; 10(1):3-23.
8. Costa CS, Flores TR, Wendt A, Neves RG, Assunção MCF, Santos IS. Comportamento sedentário e consumo de alimentos ultraprocessados entre adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2015. *Cad. Saúde Pública.* 2018; 34(3):e00021017. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00021017>
9. Pelegrini A, Silva DAS, Silva AF, Petroski EL. Insatisfação corporal associada a indicadores antropométricos em adolescentes de uma cidade com índice de desenvolvimento humano médio a baixo. *Rev. Bras. Ciên. Espor.* 2011; 33(3):01-12.
10. Smolak, L. Body image in children and adolescents: where do we go from here? *Body Image.* Norfolk, 2004; 1(2):15-28. [https://doi.org/10.1016/S1740-1445\(03\)00008-1](https://doi.org/10.1016/S1740-1445(03)00008-1)
11. Pinheiro AP, Giugliani ERJ. Body dissatisfaction in Brazilian schoolchildren: prevalence and associated factors. *Rev. Saúd. Públi.* 2006; 40(2):489-96. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000300018>
12. Triches RM, Giugliani ERJ. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. *Rev. de Nutri.* 2007; 20(3):119-28. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732007000200001>
13. Schnaider SK, Odonnell L, Stueve A, Coulter RWS. *Cyberbullying*, school *bullying*, and psychological distress: a regional census of high school students. *Am J Public Health.* 2012;102(1):171-7. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2011.300308>
14. Bond L, Wolfe S, Tolut M, Buttler H. A Comparison of the Gatehouse *Bullying* Scale and the Peer Relations Questionnaire for Students in Secondary School. *J of School Health.* 2007; 77(2): 75-9. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2007.00170.x>
15. Oliveira WAO, Silva MAI, Mello FCM, Porto DL, Yoshinaga ACM, Malta DC. Causas do *bullying*: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev. Latino-am.* 2014; 1(5):1-8.
16. Neto AAL. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr.* 2005; 81(5): 164-72. <https://doi.org/10.2223/JPED.1403>
17. Lunde C, Frise NA, Hwang CP. Is peer victimization related to body esteem in 10-year-old girls and boys? *Rev. Bod. Image.* 2006; 6(3):1-25. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2005.12.001>
18. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [capturado em 24 out 2016]. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=410100&search=parana|ampere|in+fograficos:-dados-gerais-do-municipio>.
19. The challenge of obesity in the WHO European Region and the strategies for response. Dinmark:World Health Organization; [citado 2017 nov.]. Disponível em: <http://www.who.int/growthref/en>
20. Jellife DB. Evaluación del estado de nutrición de la comunidad. Organización Mundial de la Salud, 2. ed. Ginebra. Organización Mundial de la Salud;1968.
21. Tiggemann M, Wilson-Barrett E. Children's figure ratings: relationship to self-esteem and negative stereotyping. *Int J Eat Disord.* 1998; 23(1):83-8. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199801\)23:1<83::AID-EAT10>3.0.CO;2-O](http://dx.doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199801)23:1<83::AID-EAT10>3.0.CO;2-O). Pmid:9429922. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199801\)23:1<83::AID-EAT10>3.3.CO;2-#](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199801)23:1<83::AID-EAT10>3.3.CO;2-#)
22. Pereira PJ. *Bullying* nas aulas de educação física e o papel do professor de educação física. Minas Gerais: Universidade de Brasília; 2014.
23. Moreira DE, Pinheiro MC, Carreiro DL, Coutinho LTM, Almeida KTCL, Santos CAS, Coutinho WLM, et. al. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração. *Rev. Associ. Bras. Nutr.* 2017;1(1):18-25.
24. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar [capturado em 09 nov 2016]. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>
25. Finato S, Rech RR, Migon P, Gavineski IC, Toni V, Halpern R. Insatisfação com a imagem corporal em escolares do sexto ano da rede municipal de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. *Rev. Pau.Pedia.* 2013. 31(1):65-70. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000100011>
26. Pinheiro N, Jiménez M. Percepção e insatisfação corporal: um estudo em crianças brasileiras. *Rev. Psico.* 2010; 41(4): 510-6.
27. Martins RM, Pelegrini A, Matheus CS, Petroski EL. Insatisfação com a imagem corporal e relação com estado nutricional, adiposidade corporal e sintomas de anorexia e bulimia em adolescentes. *Rev. Psiqui.* 2010;32(1):19-23. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082010000100004>
28. Andrade MRM. Prevalência de Insatisfação Corporal em escolares de Juiz de Fora – MG. Juiz de Fora: *Rev.Nutr.* 2010; 22(1).
29. Ricciardelli LA, McCabe MP, Banfield, S. Sociocultural influences on body image and body changes methods. *J. Adolesc Health.* 2000;26(3):3-4. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(99\)00107-X](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(99)00107-X)
30. Alves E, Vasconcelos, Guedes FDA, Marino MC, Neves J. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Rev. Cad. Saúde Pública.* 2007; 24 (3):503-12. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000300004>
31. Luz SS. Avaliação de sintomas de transtornos alimentares em universitárias de Belo Horizonte. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

32. Fidelix YL, Silva DAS, Pelegrini A, Silva AF, Petroski EL. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de uma cidade de pequeno porte: associação com sexo, idade e zona de domicílio. Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho. *Hum.*2011; 13(3):202-07. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2011v13n3p202>
33. Souto S, Ferro-Bucher JSN. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares. Rev Nutr. 2006;19(3):693-704. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732006000600006>
34. Sousa EGC, Rech RR, Mello GT, Melo MO, Halpern. Obesidade, imagem corporal e *bullying* em uma população de escolares de uma cidade no Sul do Brasil. Rev. Amrigs. 2012; 56(4):330-4.
35. Branco LM, Hilário MOE, Cintra IP. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. Rev. de Psiquiatr. Clín. 2006; 6(33):292-6. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000600001>
36. Rojo-Moreno L, Rubio T, Plumed J, Barberá M, Serrano M, Gimeno N et al. Teasing and disordered eating behaviors in Spanish adolescents. *Eat Disord.* 2013;21(2):53-69. <https://doi.org/10.1080/10640266.2013.741988>
37. Slater A, Tiggermann M. Gender differences in adolescent sport participation, teasing, self-objectification and body image concerns. *J Adolesc.* 2011;34(2):455-63. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.06.007>
38. Leme ACB, Philippi ST. Provoações e comportamentos para controle de peso em adolescentes do sexo feminino. Rev. Paul Pediatr. 2013; 6(431):1-6.
39. Olweus D. Bullying at school: What we know and what we can do. Lackwell. 1993; 2(1):1-140.
40. Fante C. Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Rev. Versus. 2005; 1(5):1-224.

Autoras:

ANDRESSA SALETE ANDREOLLI
Nutricionista. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3366-1652>
E-mail: andressa_andreolli@hotmail.com

ROZANE MARCIA TRICHES
Nutricionista. Doutora em Desenvolvimento Rural. Professora do Curso de Nutrição e do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4460-4821>
E-mail: rozane.triches@gmail.com